

Financiamentos difíceis ajudaram a decidir valor do pacote do FMI

Economista do Lehman Brothers diz que 'se sabia que os bancos não renovariam as linhas'

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON - A impossibilidade de convencer os bancos internacionais a manter as linhas de crédito para o Brasil, por causa da difícil situação que eles enfrentam, especialmente nos Estados Unidos, teria sido um dos fatores que determinaram o total de US\$ 30 bilhões da linha de crédito, em 15 meses, que o Fundo Monetário Internacional (FMI) concedeu ao Brasil esta semana. A tese é do economista Paulo Vieira da Cunha, do banco de investimentos Lehman Brothers, que tem reduzido o risco no País. "O tamanho do acordo surpreendeu todo mundo e parte do motivo foi justamente porque se sabia que os bancos não renovariam as linhas de crédito", disse. "Eu acredito que esse programa foi mais desenho do Federal Reserve (Fed, o banco central americano)."

Segundo o economista, "há uma preocupação muito grande com os bancos", por causa das perdas que sofrem com a

crise nos setores de telecomunicações e de energia e que ameaçam se alastrar

e a frustrar a retomada da economia americana. "O mercado de crédito nos Estados Unidos está um hor-

ror", disse.

De fato, os papéis da dívida da Ford Motor Company, por exemplo, que somam US\$ 128 bilhões e representam 3,5% do

índice de bônus corporativos, caíram 1% num dia, variação típica de bônus de países emergentes e não de papéis da dívida de grandes corporações,

que costumam oscilar em torno de 0,1% a 0,2%. "Com tudo isso acontecendo, o Fed estava

atuando com duas cabeças: por um lado, preocupado com o Brasil; por outro, e mais importante, estava olhando para o sistema bancário e recomendando a redução de risco."

O presidente do Banco Central do Brasil, Armínio Fraga, tinha esse quadro claro em

mente quando visitou Nova York e Washington, no mês passado, para iniciar o acordo de transição anunciado na

semana passada. Respondendo a executivos financeiros em

Nova York, que queriam saber se o governo repetiria a ofensiva que fez no início de 1999,

no contexto de um acordo com o FMI, para convencer os bancos internacionais a manter as

linhas de crédito, Fraga informou

não pretender falar sobre o assunto com os banqueiros, porque seria um exercício infrutífero. Vários bancos confirmaram ontem que não estão renovando as linhas de crédito ao País. Cientes disso, o BC e o BNDES preparam-se para suprir o financiamento de operações comerciais.

A tese, se correta, tenderia a respaldar a visão dos críticos do crédito ao Brasil. Para eles, tudo não passou de uma operação para salvar os bancos credores com fundos oficiais. Mas Vieira da Cunha é o primeiro a contestar esta teoria.

"A principal razão para o acordo foi detonar a crise do mercado de câmbio no Brasil, que ameaçava destruir toda a política macroeconômica, um fato que teria consequências negativas para todo o sistema financeiro e não seria de interesse de ninguém", disse. "É inegável que os empréstimos oficiais sempre podem financiar a fuga de capitais. Mas a estrutura do acordo com o Brasil torna isso difícil. O dinheiro a ser desembolsado imediatamente é muito pouco; e o BC

anunciou que não vai fazer irrigação diária do dinheiro e que vai atuar de forma discricionária."

John Williamson, do Instituto de Economia Internacional,

duvida que o desejo de proteger os bancos tenha motivado o

FMI, Tesouro e demais países do G-7 a fazer o

acordo com o Brasil. "Não estou seguro de que os bancos tenham essa influência toda e espero que isso

não seja verdade", afirmou.

"Mas, se (o FMI e o Tesouro) fizeram a coisa certa – apoiar o Brasil –, pela razão errada, prefiro isso a que eles não fazem nada."

Um ex-alto funcionário internacional, com experiência em negociações, classificou de absurda a idéia de que o

FMI esteja tentando apenas ajudar os bancos ao fazer um

acordo com o Brasil ou com qualquer outro país. "A manutenção da estabilidade no Brasil é uma coisa boa para os brasileiros e para os bancos credores do Brasil", disse.

"Será que o FMI deveria deixar o Brasil fracassar para evitar fazer algo que também ajuda os bancos?"

O mesmo ex-alto funcionário, atualmente no setor privado, diz que as pessoas que criticam acordos como o negociado pelo Brasil com o FMI têm dificuldade em reconhecer o óbvio – em determinados momentos, o interesse do país beneficiado e os interesses dos

bancos e do governo dos Estados Unidos, da Inglaterra, da

França, da Espanha, do Chile, etc, são idênticos.

'O FUNDO
DEVERIA DEIXAR
O BRASIL
FRACASSAR?'

não seja verdade", afirmou.

"Mas, se (o FMI e o Tesouro) fizeram a coisa certa – apoiar o Brasil –, pela razão errada, prefiro isso a que eles não fazem nada."

Um ex-alto funcionário internacional, com experiência em negociações, classificou de absurda a idéia de que o

FMI esteja tentando apenas ajudar os bancos ao fazer um

acordo com o Brasil ou com qualquer outro país. "A manutenção da estabilidade no Brasil é uma coisa boa para os brasileiros e para os bancos credores do Brasil", disse.

"Será que o FMI deveria deixar o Brasil fracassar para evitar fazer algo que também ajuda os bancos?"

O mesmo ex-alto funcionário, atualmente no setor privado, diz que as pessoas que criticam acordos como o negociado pelo Brasil com o FMI têm dificuldade em reconhecer o

óbvio – em determinados momentos, o interesse do país beneficiado e os interesses dos

bancos e do governo dos Estados Unidos, da Inglaterra, da

França, da Espanha, do Chile, etc, são idênticos.